

Mulheres e crianças da tribu dos guaranys

Os guaranys constituiram outr'ora uma tribu mui numerosa; porém, apesar d'isso, e não obstante a sua vida selvagem, sempre foram dotados de boa indole, e os seus costumes differençavam-se dos das outras tribus por uma certa doçura, acompanhada, em certo modo, de propensões laboriosas.

Quando os jesuitas, nas suas missões civilisadoras, penetraram no sertão do Brasil, tentando esclarecer com a luz do Evangelho aquella população vagabunda, e pela maior parte de habitos ferozes, encontraram desde logo nos guaranys as melhores disposições para escutarem respeitosos as verdades reveladas, prestando-se a seguirem a doutrina que lhes ensinavam.

D'est'arte foi facil aos missionarios incutirem nos guaranys alguma inclinação, ou pelo menos prompta sujeição ao trabalho. Organisaram-lhes, pois, varias aldeias, onde elles se começaram a exercer nas lides da agricultura, cultivando não só as plantas e generos indigenas, mas tambem alguns da Europa que os missionarios lhes forneciam, encaminhando-os na sua cultura. Em quanto os jesuitas os animaram e illuminaram com as suas exhortações e com a força do exemplo, perseveraram nos seus trabalhos e na sua carreira social; e n'este ponto são irrecusaveis os serviços prestados pela companhia de Jesus á civilisação do Brasil. Portanto, assim que esta ordem foi abolida e proscripta de Portugal e dos seus dominios, em 1759, parou todo aquelle progresso, e não só parou, desandou. Os missionarios que substituiram os jesuitas n'aquelles sertões, ou por menos intelligentes e zelosos, ou por defeito de systema e falta de methodo, ou por serem em menor numero, não souberam ou não poderam conservar no peito d'aquelles gentios acceso o lume da fé, e quente o amor do trabalho. O que é verdade é que as aldeias dos indios civilisados foram desapparecendo, voltando estes de novo á vida errante e selvagem.

Todavia, aquella semente civilisadora não foi inteiramente perdida, sobre tudo nos guaranys, porque augmentou e enraizou mais n'elles as suas antigas e boas disposições para o estado social, facilitando até certo ponto os esforços que posteriormente fez o governo do Rio de Janeiro, como dissemos no artigo do numero antecedente, a pag. 157, para os reunirem de novo em aldeias e colonias agricolas.

Um acontecimento veiu, porém, no segundo quartel d'este seculo reduzir consideravelmente a tribu dos guaranys. Apesar da sua indole, em geral pacifica, foram levados, pelos annos de 1832, dizem que por suggestões estranhas, a fazerem alliança com a tribu dos *charruas*, e assim unidos começaram a commetter roubos e grandes devastações nas fronteiras do Uruguay. Esta republica enviou immediatamente fortes expedições contra os aggressores. A guerra durou algum tempo, e, quando acabou, a tribu dos guaranys estava excessivamente dizimada.

Hoje, ainda que se tenha multiplicado, é, todavia,

pouco numerosa. Parte vive nos confins da provincia de S. Paulo, e parte no sertão do Uruguay. Continuam, porém, a mostrar cada vez mais tendencias para o estado social, como o provaram com a deputação que veiu á cidade de S. Paulo, da qual démos noticia em o numero anterior.

A gravura, que juntâmos a este artigo, é cópia de uma das duas photographias, obra do sr. Perestrello da Camara, que nos foram enviadas pelo sr. Belfort. Representa algumas das mulheres e crianças que fizeram parte d'aquella deputação. O seu vestuario revela o desejo com que procuram imitar os usos sociaes, não pelo feitio do fato, que este é obtido por elles já prompto, em troca de productos do matto, ou de qualquer serviço prestado aos brasileiros, mas sim pelo cuidado com que cobrem todo o corpo.

I. DE VILHENA BARBOSA.

MEMORIAS DE UMA BOLSA VERDE

(Vid. pag. 151)

XI

«Quando me achei no chapéo, e depois na mão do pobre velho, a minha primeira sensação foi a da alegria, a do desvanecimento. Parecia-me que eu tambem participára da boa acção do rapaz, e que me competia uma parte dos agradecimentos que lhe eram devidos. O que estava longe de esperar, é que seria eu quem os receberia todos.

«Com effeito o pobre velho, depois de olhar muito tempo em torno de si, depois de mirar bem a arvore, cujos ramos se estendiam sobre a sua cabeça, concluiu por attribuir ingenuamente a um milagre da Providencia o beneficio que recebêra; e, depois de ter reflectido bastante tempo, convenceu-se devéras de que a bolsa lhe caíra do ceo, e tão arraigada conservou esta convicção, que ninguem seria capaz de lh'a arrancar. Veneravel candidez de crenças! Não se importou com o pensamento de que não valia a pena fazer um milagre para dar cinco tostões, e que, ainda que o ceo estivesse inclinado a economias, não era natural que a Providencia tomasse a precaução de collocar a sua esmola dentro de uma bolsa de seda verde.

«A tudo isso responderia elle que a menos que a bolsa não se formasse no ar, e caísse por si mesma, ou que existissem actualmente arvores com esse fructo, esse dinheiro não podia vir senão do ceo. E vinha com effeito.

«Por conseguinte o bom do velho, passando do immenso desalento á immensa alegria, ajoelhou, beijou-me fervorosamente, depois levantou-se, e correu com uma ligeireza de rapaz a fazer as compras necessarias á sua pobre familia.

«Foi então que eu me pude convencer de que não eram a mim que se dirigiam, no tempo da minha prosperidade, os comprimentos que tanto me enchiam de orgulho, mas sim e unicamente á opulencia que eu representava. Foi essa uma desillusão fatal, e que me causou uma tristeza pungente. Ah! meu amigo, bastára esse dia para eu conhecer o egoismo dos homens. Desde o instante em que eu saíra da casa em que nascêra, no curto espaço de duas ou tres horas, que de amargas lições, que de tristes ensinamentos!

«Nas casas em que entrava com o meu pobre possuidor, ninguem olhava para mim, assim como ninguem olhava para elle. N'uma loja de capellista onde o velhinho foi comprar agulhas, o instrumento de trabalho de sua filha, a fragil armasinha com que ella combatia intrepidamente o demonio da miseria, estavam umas senhoras arrastando sedas, e resplendendo em joias. Estavam comprando não sei o quê, mas, fosse qual fosse a compra, ellas demoravam-se immenso, porque desejavam escolher á vontade, e obrigavam a dona da loja, que satisfazia as suas exigencias com toda a complacencia, a revolver todas as caixas, a mexer em todas as gavetas, a abrir todos os armarios.

«O bom do meu velhinho, impaciente, como estava, por levar de comer á sua pobre familia, depois de esperar um pedaço, não pôde deixar de dizer, collocando-me timidamente em cima do balcão:

—«Se a sra. Ignacia me podesse aviar n'um instantinho...

«A capellista, interiormente enfurecida pelas maçadas que lhe estavam dando as suas opulentas freguezas, voltou-se, e empurrando-me bruscamente, tão bruscamente que caí no meio do chão, bradou com uma voz desesperada:

—«Espere, não tenha pressa, guarde o seu dinheiro. Não vê que estou a servir estas senhoras?

«O meu pobre dono calou-se, e apanhou-me sem murmurar sequer. O que havia elle de fazer? A capellista fiava-lhe os utensilios necessarios a sua filha, em occasiões de apuro, e até ás vezes, porque no fundo a tia Ignacia tinha um bom coração, lhe emprestava os seus vintens.

«Eu é que não admitti circunstancia attenuante possivel para o ultrage que recebêra. N'essa manhã mesma eu fôra tratada tão amavelmente n'uma loja de capellista com estanco, onde Eduardo entrára a comprar charutos, que não percebia qual fosse o motivo da subita differença.

«Já vê que as lições ainda não tinham aproveitado.

«N'esse ponto foi que eu principiei a avaliar as amarguras da minha nova posição. Felizmente, a scena que se lhe seguiu veiu adoçal-as um pouco.

XII

«Trémulo de alegria, subiu o velho os ingremes degraus de uma escada tortuosa e escura, que conduzia á agua-furtada onde habitava. Quando chegou ao ultimo patamar parou para respirar. O coração batia-lhe com alegria. Pensára tanto em subir aquella escada lentamente, como um homem que leva sobre os seus hombros o peso enorme do infortunio; pensára tanto no soffrimento que o havia de dilacerar quando chegasse com o desespêro na alma ao mesmo sitio onde parára ébrio de alegria; pensára tanto no triste espectaculo que se lhe havia de deparar, no desgosto profundo que havia de sentir; pensára tanto em tudo isso, que chegára quasi a costumar-se a essa idéa, e que a felicidade encontrava-o armado para a desgraça e desprevenido para a ventura.

«Finalmente entrou.

«Que espectaculo tão novo para mim foi esse que eu divisei! Das trevas, que envolviam a casa, saíam gemidos abafados, soluços horrendos, murmurio dilacerante, reflexo pavoroso do sussurro dos condemnados do inferno accumulados na tenebrosa *géhenne* que Dante visitou. O meu dono, depois de abrir a porta, ficou um instante parado, e involuntariamente as lagrimas inundaram-lhe as faces, parando nos labios, que sorriam com um sorriso de consolação.

«Quando o meu olhar se costumou ás trevas, pude então ver no fundo do quarto, e deitadas em cima de uma pobre enxerga, duas crianças de nove para dez annos, pallidas, magras, com os seus corpinhos quasi nús, tremendo de frio n'aquelle recinto humido. Choravam, e choravam de fome! Mais ao fundo, n'um pobre catre, que era ainda assim o unico traste da casa, jazia a filha mais velha, rapariga dos seus vinte e tantos annos, a quem o soffrimento arrancava gemidos. Uma pobre coberta esfarrapada mal a resguardava. E comtudo, a pobre rapariga estava com uma

febre violentissima; o delirio apoderára-se d'ella. Murmurava phrases incoherentes, gemia, soluçava. E as trevas, a escuridão atroz a suffocal-a! E lá ao fundo, na sombra a fulgirem sinistramente as garras do demonio livido da fome!

«Uma toada de musicas alegres entrava pelo quarto. No primeiro andar havia baile. A dois passos do risonho turbilhão das walsas o horrido vendaval do infortunio!

«Ó destino!

«O velho silencioso accendeu uma vela. Depois poz na chaminé a lenha que trouxera, e accendeu o lume. Espalhou-se no quarto um doce calor.

«Os pequenos tinham-se levantado na cama, estupefactos!

«Depois, sempre silencioso, pegou n'um braçado de couves, migou-as, tirou um pão, fel-o em sopas, deitou tudo dentro de um pobre tachinho de barro, e pôl-o ao lume. Os pequenos tinham-se approximado d'elle.

«O velho voltou-se. A sua cabeça, coroada de cãs, inclinou-se meigamente para as loiras cabecinhas que o rodeavam.

«E, vendo-os tremulos, mal se podendo suster em pé, abraçando-lhe os joelhos, as lagrimas saltaram-lhe de novo dos olhos, a voz embargou-se-lhe na garganta, e só pôde dizer:

—«Meus filhos!

—«Pão! — foi a resposta das crianças.

—«Sim, meus filhos, esperem, esperem um instante. Haveis de ceiar, haveis de ceiar, meus pobres pequeninos, e haveis de dormir depois o somno de innocentes, que a fome repelle ha tanto tempo de cima das vossas gentis cabecinhas! Deixae-me, deixaeme ir tratar de vossa irmã, da minha querida filha, que tanto soffre por nossa causa

«E o velho approximou-se da pobre doente, que olhava para elle com uns olhos desvairados, coou-lhe por entre os dentes um calmante, que comprára n'uma botica, porque o pobre do homem gastára até aos ultimos cinco réis, e comtudo quantas coisas de primeira necessidade tinham ficado ainda por comprar!

«O calmante produziu um bom effeito. Ao delirio succedeu a prostração, e a costureira adormeceu com um somno pacifico e reparador.

«Então o resto da familia agrupou-se em torno da enxerga, mesa improvisada, para onde foi trazido em triumpho o tacho das couves. Os pequenos lançaram-se sofregamente á comida, e em poucos minutos desappareceram as couves e as sopas, sem omissão de um talo, sem esquecer uma migalha.

«O velho mal tinha bebido um gole de caldo. Embevecido na contemplação de seus filhos satisfeitos, nem pensára na sua propria fome. De vez em quando levantava ao ceo os olhos arrazados de agua, e murmurava palavras incomprehensiveis. É essa a oração que a Deus mais agrada; porque é a effusão sincera, e livre de preceitos, de um coração que trasborda de reconhecimento.

«Quando terminou a ceia frugal, o bom do velho chamou as crianças para junto de si, e fazendo-as ajoelhar, e unindo-lhes as tenras mãosinhas, disse-lhes com voz grave:

—«Meus filhos, agora que por uma esmola divina saciaram a fome, é justo que se não esqueçam d'Aquelle que vol-a deu. Vinde, e repeti commigo:

—«Pae do ceo, Vós que, apesar da vossa omnipotencia, vos não esqueceis dos vossos filhinhos, que déstes pão a quem tinha fome, e consolações a quem estava afflicto! Vós que, por um milagre da vossa infinita bondade, nos salvastes da morte, e a nosso pae do desespero! Vós que sois todo misericordia, tende compaixão de nossa pobre irmã! E vós, nossa mãe querida, que sois agora uma santa no ceo, rogae tambem a Deus que dê saude a quem é o nosso amparo! Nós vos damos graças, Deus todo-poderoso, e promettemos sempre ser dignos da vossa affeição, e conservarmo-nos no caminho da virtude, para que a alma da nossa mãesinha se não afflija de nos ver peccadores».

«E as criancinhas repetiam com a sua voz argentina aquellas singelas palavras, pronunciadas pelo velho commovido, que estendia as mãos trémulas sobre essas cabeças innocentes, e erguia para o ceo os olhos humedecidos.

«Depois beijou-as na fronte com ternura, e mandou-as deitar. Elle apagou a luz e o lume; sentou-se á borda da enxerga, e, encostando a cabeça nas mãos, meditou.

«Porém o dia fôra agitadissimo; a natureza foi mais forte do que elle, e d'ahi a pouco tempo o velho, cerrando a pouco e pouco as palpebras, adormeceu.

«As trévas encheram de novo o quarto. Mas o horror fugíra. Á porta, um anjo do Senhor, com um dedo nos labios, velava meigamente sobre o somno da innocencia.

(Continua) M. PINHEIRO CHAGAS.

GIACOMO MEYER-BEER

(Vid. pag. 140)

III

A opera *Romilda e Costanza*, representada em Padua em 1818, joco-séria, e dividida em tres actos, foi bem acceita. A parte principal cantou-a a Pisaroni no auge da sua fama. A peça significava as novas tendencias de Meyer-Beer, a sua segunda natureza, permitta-se-nos a phrase, porque a transformação era completa. O auctor, escrevendo-a, tinha-se despido de todos os preconceitos para se metamorphosear em compositor italiano. Os amadores, a principio desconfiados, acabaram pelo adoptar, mais como discipulo de Vellotti, do que como alumno de Volger. O mesmo exito coroou successivamente a *Semiramide Reconosciuta*, cantada em Turin em 1819, e *Ema di Resbourgo*, posta em scena no theatro de Veneza em 1820. Esta opera, sobre tudo, mereceu as honras de repetidas ovações em todas as cidades da Italia, e abriu ao auctor as portas do palco da Scala de Milão, para o qual compoz a sua *Marguerita d'Anjou*, representada em 1822 no meio do enthusiasmo das platéas, traduzida, assim como a *Ema*, em allemão, e cantada com louvor nos theatros de França e da Belgica.

Os applausos estimulavam a veia fecunda de Giacomo. Em 1823 uma nova peça, o *Esule di Granata*, attestando a sua actividade infatigavel, veiu excitar a rivalidade exacerbada de alguns compositores italianos, que não podiam supportar que um allemão, naturalisando a musa, e dando-lhe o direito de cidade, os supplantasse, apoderando-se do publico, e triumphando quasi a par de Rossini, coroado das appetecidas palmas que elles não sabiam cortar para si. A inveja começou a denegrir o engenho que a offuscava, e, desesperada com a inutilidade dos tiros, sumiu-se nas trevas para armar os laços em que esperava fazer cair a reputação nascente que odiava. Os ensaios do *Esule* foram a sua primeira cilada. Espaçaram-nos de proposito por tal modo, e correram tão descuidados e esquecidos de todos, que a opera só nas vesperas do entrudo subiu á scena. As mesmas influencias sinistras que a haviam demorado, machinaram-lhe a quéda. O primeiro acto, friamente escutado, inculcou o desastre imminente; e o segundo, ameaçado de egual sorte, ia naufragar tambem, quando um duetto, cantado

pela Pisaroni e Lablache, extasiando o auditorio, transformou em applausos freneticos a indifferença glacial. As representações seguintes vingaram Meyer-Beer dos sobresaltos d'esta noite de anciedade.

A prudencia, e o desejo de abraçar o seu amigo Weber, que não via desde muitos annos, decidiram Giacomo a recolher-se á patria. As victorias alcançadas na Italia eram estranhadas na Allemanha do norte. Embora Vienna desculpasse, e até saudasse com jubilo, a apostasia do joven compositor, Berlin, Dresde, e Leipsig condemnavam rigorosamente a sua versatilidade, accusando-o de desertor das bandeiras patrias. O proprio Weber mostrava-se queixoso e triste. Os defensores austeros da musica teutonica não perdoavam ao seu compatriota a affronta feita aos altares do culto nacional.

Weber esperava com impaciencia o seu antigo condiscipulo; e, talvez, confiando de mais nos poderes da amizade, suppunha a sua voz assaz poderosa para o attrahir outra vez ao gremio de que se apartára. Depois de tão longa ausencia, os dois mestres abraçaram-se como irmãos. A sua conversação, variada, e fertil em confidencias, estendeu-se pela noite adiante. Relatando a Gottfried-Weber este episodio curioso da sua vida, o illustre auctor do *Freyschütz* dizia-lhe: «sexta feira passada concedeu-me Deus o prazer de ter aqui Meyer-Beer. Passou o dia todo commigo. Dia venturoso, ditosa recordação dos nossos felizes tempos de Manheim! Separámo-nos só alta noite. Giacomo parte para Trieste. Vae ensaiar alli o seu *Crociato*. Antes de um anno conta estar em Berlin, e prometteu-me escrever talvez uma opera allemã. Deus o queira! Appellei muitas vezes para a sua consciencia».

Se Meyer-Beer fez a promessa, nunca a cumpriu. Se houvesse cedido ás suggestões de Weber, o que seria elle hoje? Apenas um compositor erudito, como tantos, e nada mais. Ver-se-hia obrigado a luctar com o immenso exito do *Freyschütz*, com os loiros de Spontini que reinava em Berlin, com os primores de Mozart, com o *Fidelio* de Beethoven. Se não saísse da Italia, fascinado pelo genio de Rossini, pelo talento de Donizetti, e pela suavidade de Bellini, tornar-se-hia talvez o satellite d'estes astros, que encerravam então em si todos os esplendores da arte. Felizmente, nem a Allemanha, nem a Italia o dominaram. Soube salvar a independencia do engenho, e sem a conhecer ainda, continuou a buscar a estrada que o futuro lhe promettia.

Depois de volver a Veneza poz em scena no theatro da cidade de S. Marcos a sua opera o *Crociato*, representada em 26 de dezembro de 1824. M.me Maria Falande, a Veluti, e Lablache desempenharam as primeiras partes. As palmas e os bravos rebentaram. O compositor foi por vezes chamado e applaudido. De feito, o *Crociato* é considerado pelos criticos como a obra mais perfeita de Meyer-Beer no estilo ultramontano. Mr. Fétis, juiz sempre competente, vae ainda mais longe, e vê n'ella já os symptomas decisivos, precursores, da proxima modificação do mestre. Alguns trechos, e especialmente o terceto, dão na realidade grandes visos de probabilidade a este voto, sendo quasi como os clarões que annunciam a aurora da ultima phase.

Ema di Resbourgo, *Marguerita d'Anjou*, e o *Crociato*, fizeram conhecido o nome do compositor germanico não só em Italia, mas em toda a Europa; e a este pregão honroso é que deveu o convite de mr. Sostenes de la Rochefoucauld para vir a Paris dirigir os ensaios do *Crociato* que o theatro italiano queria levar á scena. Decidiu-se immediatamente. Era a gloria e a fortuna que o chamavam: o seu genio parecia esperar por esta crise para manifestar os grandes poderes que resumia em si.

A sua residencia na capital da França, no foco da civilisação moderna, aonde Gluck viera tambem nos fins do seculo XVII consummar uma revolução memoravel na musica dramatica, não podia deixar de lhe ser propicia, amadurecendo no seu espirito as idéas que, desabrochadas á luz favoravel dos exemplos e da meditação, foram o alicerce da sua immensa e merecida reputação. Em contacto com a indole franceza, tão lucida e communicativa, depois de familiarisado com o engenho melodico da Italia, a intelligencia profunda e reflexiva de Meyer-Beer sentiu-se tocada por todos os aspectos da grande inspiração, e as nascentes desataram-se quasi instantaneamente da sua alma. Similhante ao seu amigo Carlos Maria Weber, só tarde e cheio de incertezas é que Giacomo se convenceu da alteza dos destinos que o fadavam. As idéas elaboravam-se lentamente na sua imaginação; mas quando, depois de mil escrupulos, abria em fim as portas da scena a estas filhas do seu espirito, estava quasi certo de que ellas caminhariam pelo mundo sem o envergonhar.

A hora em que o seu estilo havia de crear a derradeira fórma, avisinhava-se porém. A transformação transcendente que envolvia um progresso incalculavel para a arte, não foi determinada por conselhos estranhos, nem obedeceu a circunstancias fortuitas. Emanou unicamente da vontade do mestre. Durante os ensaios do *Crociato* estudou attentamente as differenças essenciaes entre a opera italiana e a franceza, e d'esta observação, esteril para tantos outros, brotou-lhe espontaneo o pensamento de fundir os dois generos em um só, e de enriquecer a nova combinação com a fórma instrumental allemã.

Os ultimos trinta annos da sua gloriosa carreira foram dedicados ás applicações engenhosas d'este pensamento. De ordinario os inventores procedem assim. Partem do conhecido para o incognito. Seguem diversos trilhos sem acabar nenhum, voltam atraz, hesitam, apalpam, e vacillam. A maior lucta é com a propria consciencia. Sentem-se tocados de presentimentos que a edade e a experiencia vão confirmando. Mas um dia a nuvem rasga-se, e, descortinando o sol, até ahi encoberto, patenteia ao artista os vastos horisontes, inundados de luz, que a sua vista não alcançára até então, porém que adivinhava como premio afiançado ás suas esperanças. Foi o que aconteceu a Meyer-Beer. O sonho vago e indelineado de toda a sua existencia só tomou corpo no momento em que o genio da civilisação, trazendo-o pela mão a Paris, lhe arrancou subitamente a venda dos olhos, dizendo áquella alma extatica e embevecida: «eis o ideal que buscavas. Dá-lhe vida. Manda-o conquistar o mundo!»

(Continúa) L. A. REBELLO DA SILVA.

CASAS PARA ESCHOLAS

É por certo importante a consideração que este assumpto deve merecer a todos quantos se interessam pelos melhoramentos da instrucção primaria.

As condições materiaes da casa escholar não são indifferentes ao professor e aos alumnos.

O professor, depois das fadigas do magisterio, carece de encontrar o modesto conforto de uma habitação, posto que simples, decente e hygienica.

A eschola deve concorrer para conservar as crianças de bom humor, para lhes incutir o amor pelo estudo, pelo aceio e pela boa ordem.

Se a casa da eschola não estiver em condições convenientes, se os alumnos estiverem constrangidos, apertados, e mettidos em uma atmosphera viciada, não póde haver gosto pelo estudo, nem disciplina, nem saude.

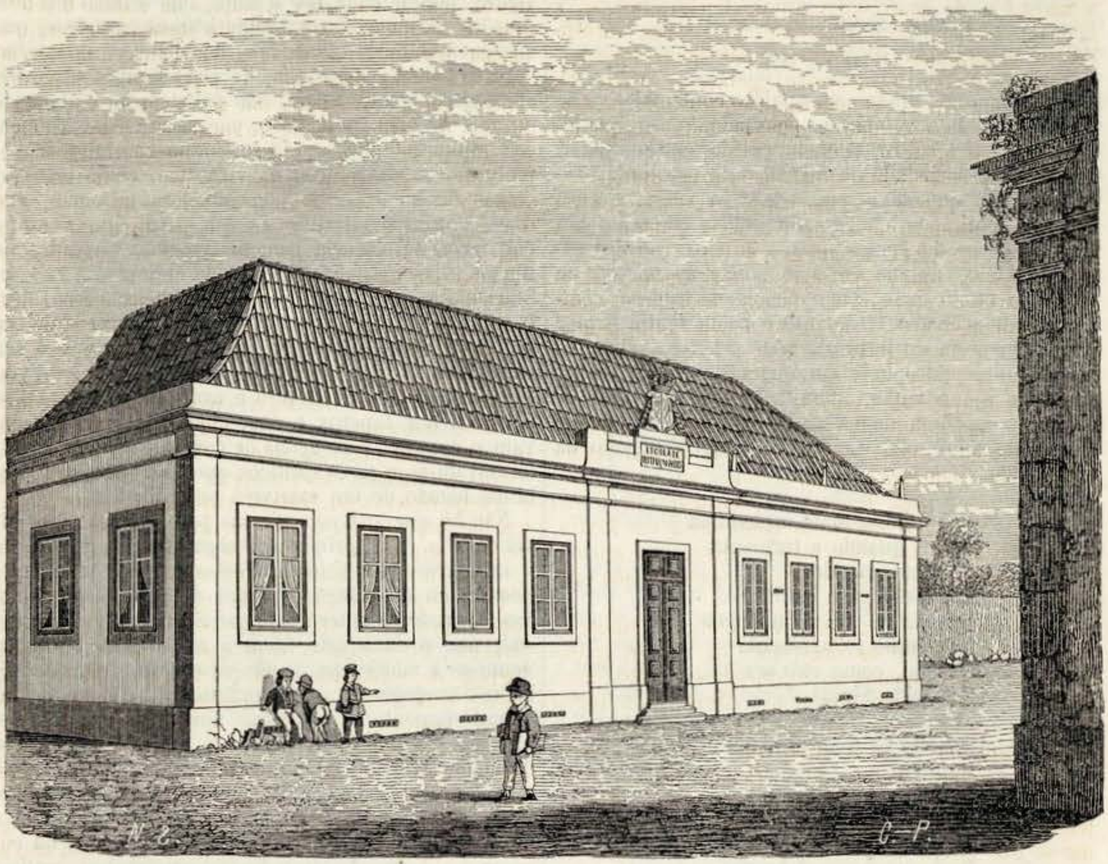
O que a tal respeito se observa na grande maioria das escholas d'este districto é muito para lamentar.

Se se quizer que a instrucção primaria seja uma realidade, é indispensavel cuidar seriamente da construcção de casas appropriadas para escholas.

É n'este intento que pedimos a attenção das auctoridades administrativas, camaras municipaes, juntas de parochia, ou quaesquer outras corporações ou cidadãos que se interessem pelo assumpto, para os projectos de edificação que apresentâmos.[1]

A primeira condição que se deve procurar para o estabelecimento de uma eschola, é um logar central, de facil accesso, e bem ventilado.

A eschola deve ficar isolada de qualquer habitação

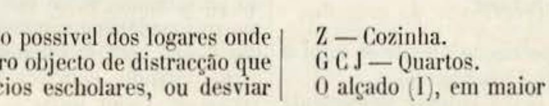


I — Modelo de casas para escholas de instrucção primaria

insalubre, e afastada quanto possivel dos logares onde haja ruido, ou qualquer outro objecto de distracção que possa perturbar os exercicios escholares, ou desviar a attenção dos alumnos.

Segundo as melhores indicações, a sala da eschola deve ter de altura 3^{m},30 a 4 metros, e a área do pavimento deve ser calculada na razão de um metro quadrado por cada um alumno que se suppõe frequentar a eschola.

Na planta (I) vê-se a distribuição de um edificio destinado para eschola, e para casa do professor.



Planta I

T — Representa o vestibulo.

B — Um pequeno quarto que póde servir para guardar capas e bonets, etc.

L — Latrinas.

E — A eschola com as suas respectivas bancadas para os alumnos. Na frente o estrado e cadeira do professor.

Os alumnos recebem a luz pelas janellas dos lados, como é conveniente.

A casa do professor compõe-se de cinco divisões.

S — Sala.

Z — Cozinha.

G C J — Quartos.

O alçado (I), em maior escala do que a planta, mostra a fachada do edificio em perspectiva.

Note-se que o soalho não assenta immediatamente sobre o terreno, mas tem uma certa elevação sobre este, para o preservar da humidade.

Na parte inferior do edificio ha umas aberturas, ou ventiladores, por onde entra o ar exterior, desalojando o ar viciado que sae pelos tubos de ventilação collocados na parte superior da casa.

D'este modo estabelece-se uma corrente contínua de ar, a qual vae renovando a atmosphera da eschola, deixando assim de se experimentar o cheiro nauseabundo e repugnante que resulta da accumulação de individuos, e que é tão commum na maior parte das escholas.

O desenho (II) representa a planta e alçado de outra eschola, cuja entrada se faz por uma porta dia-

[1] Os desenhos primitivos (I e II) foram feitos pelo nosso amigo e antigo condiscipulo V. José Corrêa, architecto das obras publicas.

metralmente opposta á da entrada para a casa do professor. As letras representam as mesmas divisões que no desenho (1).

Julho de 1864.

O Commissario dos estudos do districto de Lisboa

M. Ghira.

TRES POETAS

A. A. SOARES DE PASSOS

(Vid. pag. 151)

Demoremo-nos ainda com a feição contemplativa do poeta, antes de o estudarmos pelo lado do sentimento. Vejamos o *Bussaco*, pequena poesia, em que temos a notar a propriedade da metrificação escolhida, e o enthusiasmo que se respira em cada verso. Escuso de fazer sentir aos leitores a qualidade que tanto distingue Soares de Passos, isto é, a correcção das estrophes, e o cuidado em não soltar as poesias ao vento da publicidade senão depois de estarem completamente acabadas. O quanto o poeta sentiu bem a immensa poesia do Bussaco, póde o leitor avaliar pelas seguintes estrophes, em que elle, depois de ter admirado a montanha, illuminada pelos raios do sol nascente, suppõe a magestosa belleza que teria quando pairassem sobre ella as azas de fogo do genio da tempestade.

Mas quanto mais esplendida
Serás, quando a tormenta
Sublime, rugidora,
Em teu regaço cae!
Quando de mil relampagos
Teu cume se apresenta
C'roado, como outr'ora
O fulgido Sinai!

Quando os tufões indomitos,
Rugindo nas escarpas,
Se abraçam ás torrentes
Com horrido fragor!
Depois, em negro vortice,
Desferem nas mil harpas
De teus cedros ingentes
Um cantico ao Senhor!

Que magestade n'esta descripção! Sente-se aqui o pulso vigoroso do cantor do *Firmamento*.

Soares de Passos não se deixa enlevar unicamente pelas bellezas da paizagem. Admira a magestade do Bussaco, sente-a como poeta, e descreve-a como artista; mas o meditador não perde os seus direitos, e a reflexão philosophica não é prejudicada. Perante o aspecto sublime e immortal das obras de Deus, Soares de Passos scisma nas vaidades dos homens, e no seu caracter essencialmente transitorio. Alli, n'essa mesma serra, cuja face rugosa affronta impavida os tempos, travou-se uma das luctas homericas do principio d'este seculo. E, diz Soares de Passos:

Tudo passou: sumiram-se
Vencidos, vencedores;
Té mesmo do gigante
Soou a hora fatal:
Só tu, sorrindo impávido
Do tempo e seus furores,
Inda ergues arrogante
Teu vulto colossal.

Foi facil este estudo; foi agradavel para quem o escrevia, em quanto teve que analysar simplesmente o poeta, abstrahindo do homem, em quanto seguiu o cantor do *Firmamento* e do *Bussaco* ás espheras da contemplação; mas agora que temos de seguir o homem pela estrada espinhosa da vida, agora que, ao estudar cada estrophe, havemos de sentir estalar uma fibra do coração do poeta, agora a nossa tarefa torna-se mais difficil; é mais doloroso o peregrinar por este jardim, cujas flores são todas regadas com lagrimas, cujas rosas tem as pétalas nacaradas porque as tingiu o sangue das feridas do coração; jardim tão viçoso, porque cada flor d'alma, que o tufão das desillusões crestava, fazia brotar n'esses canteiros, que nos enamoram os olhos, uma flor deliciosa de poesia.

Soares de Passos não podia viver muito tempo. Organisações, como a sua, não resistem ao embate do mundo. As suas poesias são, para assim dizer, os marcos milliarios que ia plantando no caminho da sepultura. Quando entrou na vida, viu, como todos os poetas de coração, uma encantadora miragem, que o enlevou e o attrahiu. Correu para ella. Como o não faria, se elle via palacios magicos povoados de illusões, jardins encantados onde chilreavam mil sonhos amorosos! Mas, ao dar o primeiro passo, desfez-se a illusão, e o cantor resvalou no precipicio, no fundo do qual entrevia a sepultura. Foi lento o seu cair, lento e angustioso. Os palacios que entrevia, todos resplendentes de oiro e azul, transformaram-se em rochedos asperos e nús, cujas pontas lhe rasgavam o coração. E os gritos de dor, que soltava, transformavam-se n'esses canticos que todos admiram, sublime legado de um martyr á posteridade.

Não ha que analysar n'essas poesias, nem é possivel fazel-o. As lagrimas embargariam a voz, tanta é a inimitavel simplicidade d'esses hymnos plangentes que fallam ao coração, porque do coração partiram. Esse segredo de enternecer, que Soares de Passos possue, não o dá a arte, nem a arte o póde analysar. Sente-se a admiração, e não se exprime, porque não ha maior elogio do que o pranto que vem molhar involuntariamente as palpebras. Em todas ellas se respira um vago presentimento da morte proxima, um desalento resignado, porque o animo do homem é sustentado pela esperança do christão. A morte não tem para elle nada de aterrador, porque o tumulo é a porta do jardim de eternas delicias, onde ha de encontrar a realisação de todos os seus sonhos, realisação que debalde procurou na terra. Não teme a hora do passamento, e, se lhe perguntarem por que encara tão resignadamente, quasi alegremente, a approximação d'essa hora tão temida pelo vulgo, responderá de certo, citando, com voz triste e serena, estes bellos versos de Victor Hugo:

C'est que la mort n'est pas ce que la foule en pense.
C'est l'instant où notre âme obtient sa récompense,
Où le fils exilé rentre au sein paternel.
Quand nous penchons près d'elle une oreille inquiéte
La voix du trépassé, que nous croyons muette,
A commencé l'hymne éternel.

Sente-se em todas as poesias de Soares de Passos essa vaga e suave tristeza que tem a sua origem não no desespero, mas na melancolia. A dor do poeta não corre desgrenhada e envolta em lucto; mas composta, serena e envolta na candida tunica, empunha a lyra christã, e, desferindo os seus canticos, deixa correr doces lagrimas, suavisadas por um sorriso. É a tristeza do crepusculo. E a vida de Soares de Passos não foi senão um longo crepusculo. O sol da sua mocidade, apenas rompeu, foi logo declinar para o occidente, e alli se conservou alguns annos, illuminando a alma do poeta com a sua tibia e melancolica luz.

Nas poesias amorosas não se sente o ardor febril dos sentidos, respira-se esse idealismo de Lamartine,

mais verdadeiramente triste talvez, porque é mais singelo. Leiam o *Amor e Eternidade*. Passeiando com a donzella que estremece, no cemiterio, o poeta quasi que inveja a sorte dos dois amantes que jazem reunidos sob o mesmo cypreste nas duas campas visinhas. É essa a idéa de Lamartine, quando, descrevendo no *Raphael* o passeio sobre o lago, deseja que as ondas o traguem n'aquelle instante de suprema ventura. Mas alli o pensamento é expresso em phrases tão adocicadas, é tão diluido em lagrimas, que (perdõem-me esta blasphemia os admiradores do grande poeta francez) o leitor, admirando as grandes qualidades do estilista, não cae no extase melancolico que lhe inspiram os seguintes e magnificos versos de Soares de Passos:

Vês estas sepulturas?
Aqui cinzas escuras,
Sem vida, sem vigor, jazem agora;
Mas esse ardor, que as animou outr'ora,
Voou, nas azas d'immortal aurora,
A regiões mais puras.
Não! a chamma que o peito ao peito envia,
Não morre extincta no funereo gêlo,
O coração é immenso: a tumba fria
É pequena de mais para contêl-o.
Nada receies pois; a campa encerra
Um breve espaço e uma breve edade;
E o amor tem por patria o ceo e a terra,
Por vida a eternidade.

Sempre, sempre o presentimento fatal! N'aquelles hymnos suavissimos sentimos, para assim dizer, o ruido dos passos do anjo da morte, cada vez mais proximos, cada vez mais distinctos. Desde o *Outono* até á *Partida* vae-se cada vez cerrando mais o lugubre véo que lhe havia de ennoitecer a existencia. Na primeira d'essas poesias ainda tem uma esperança, ainda suppõe que a vida se póde transformar para elle em jardim florido. Nos troncos despojados pelo outono não faz brotar a primavera novas galas?

Animo pois! e se acaso
Nosso destino inclemente,
Em vez de jardim florente,
Nos aponta o mausoléo;
Se a primavera do mundo
Já morreu, já não se alcança,
Tenhamos inda esperança
Na primavera do ceo!

No *Desengano* já não luz esse raio de sol; o poeta infeliz já crê na fatalidade, e relanceando os olhos para o seu passado medonho, percebe que o futuro não ha de ser mais esplendido.

Pobre seio que ardente pulsaste,
Embalado por falsas venturas;
O fanal, que na terra procuras,
Sobre a terra jámais acharás:
Não ha seio que entenda no mundo
Esse ardor de teus vagos anhelos;
Não ha luz que em seus raios mais bellos
Não te esconda uma sombra fallaz.

Desesperando da vida terrena, o poeta volta os olhos para a vida celestial; mas um resto da amargura que lhe inspirou a contemplação das tristezas da existencia, acompanha-o ainda na contemplação da eternidade. O christão duvida por instantes, e a sua fé, tão calorosa, é resfriada um pouco pelos gêlos, não do sceptismo, porém de uma hesitação pungente. É o que faz que elle exclame:

Mas quem sabe da morte? o ouvido attento
No silencio das campas nada escuta;
E Socrates não diz, se um novo alento
Achou bebendo a gélida cicuta.

Na poesia *Tristeza* já se não sente nem a vaga esperança do *Outono*, nem essa especie de revolta contra o inexoravel decreto da Providencia que lhe apaga a chamma da vida, quando apenas ella tinha brotado no seu seio, e que, até durante os poucos momentos que brilhou, a teve sempre vacillante soltando contra ella todos os vendavaes da adversidade. Na poesia que mencionei, o poeta não tem já um presentimento, tem a certeza da sua morte proxima; resigna-se, e alegra-se, agora que a sua fé está completamente robustecida, de que chegasse o momento de despedaçar o involucro terreno. Vendo o inverno sacudir sobre a natureza o seu manto de tristezas, o poeta brada:

Té mesmo em meu peito vacilla agitada
A chamma da vida, perdendo o calor:
Meus dias declinam, qual luz desmaiada
Que doira as montanhas com tibio fulgor.

E mais adiante

Temendo os rigores do outono visinho,
As aves adejam buscando outros ceos:
Tu és, ó minha alma, qual ave sem ninho,
Procura outros climas, rasgando os teus véos!

Esta quadra, que fecha a poesia, é de uma simplicidade tocante. Que suave e deliciosa melancolia. Podem-se applicar a Soares de Passos as sentidas palavras de D. Pedro v: *Era um coração para a terra, e um espirito para o ceo.*

A *Partida* é o ultimo suspiro do poeta, é o adeus á vida, em que a esperança não apparece já, senão como consolação mentirosa para a pessoa de quem se despedia.

Mas se as flores do campo voltarem,
Sem que eu volte co'as flores da vida,
Chora aquelle que em tumba esquecida
Dorme ao longe o seu longo dormir.

E não voltou com effeito. Veiu de novo a primavera com o seu regaço de flores e de verduras, mas não voltou a primavera da vida do poeta. Os gêlos do inverno crestaram a flor já pendida para o tumulo, e, quando voltou o sopro vivificador, encontrou-lhe as pétalas dispersas pela aragem da morte. No dia 8 de fevereiro de 1860, se a memoria me não falha, o pobre poeta expirou nos braços da sua familia. A chamma da existencia não se lhe apagou de repente, extinguiu-se como a da lampada a quem falta o oleo que a alimenta. A nau, combatida da tempestade, entrára a final no porto da sepultura. Só alli encontrou bonança.

Aqui tem os leitores o esboço d'esse grande vulto da litteratura portugueza. São poucas as poesias que nos legou, mas valem mais do que a immensa bagagem de outros, que não serve senão para os afundar mais depressa no oceano do esquecimento.

As suas qualidades mais notaveis são a singeleza na linguagem casando-se com uma notavel elevação no estilo, a sensibilidade desaffectada, e a correcção metrica, só uma ou outra vez esquecida. As suas imagens, como já fiz notar, são grandiosas, mas tão espontaneas, que se sente que essas, e só essas, lhe poderiam occorrer no ardor da inspiração. Não armava ao effeito, procurando, como infelizmente estão fazendo actualmente escriptores de grande merito,

imagens de espavento, que saem sempre falsas e gongoricas. Tambem não podemos deixar de apontar como modêlo aos escriptores d'essa eschola, a simplicidade desaffectada mas nobre das locuções de Soares de Passos. Este notabilissimo escriptor tinha, além dos seus grandes dotes poeticos, um gosto apuradissimo e muito cultivado.

Soares de Passos, como poeta, era só um pouco infeliz quando tratava estes assumptos de convenção que quasi todos os poetas tentam. O seu genio levava-o sempre para fóra dos trilhos vulgares. Quando o escriptor portuense o queria forçar a entrar n'elles, entrava, mas constrangido. Como prova d'esta verdade leiam *O Escravo*, *O Canto do livre*, *Catão*, *Ultimos momentos de Albuquerque*, *Ao Porto*, *A um theatro academico*. Soares de Passos não se enthusiasmava com as glorias terrenas; se elle preferia ver o reverso da medalha, o nada d'essas vaidades! Por isso, nas poesias que citei, sente-se o talento, mas não se sente a inspiração. É notavel o haver uma fórma metrica para onde Soares de Passos atirava de preferencia as suas composições secundarias. É a das oitavas em versos de sete syllabas, rimando o primeiro com o terceiro, o segundo com o quarto e com o oitavo, o quinto, o sexto e o setimo entre si. É a metrificação do *Escravo*, do *Canto do livre*, dos *Ultimos momentos de Albuquerque*, e da poesia *Ao Porto*. Esta ultima foi tirada pelo talentoso poeta da segunda edição das suas obras.

Escreveriamos ainda outro tanto se quizessemos citar as bellissimas poesias que ainda nos restavam a analysar. Não o faremos; apontaremos simplesmente ao leitor, como admiravel de elevação, a poesia *A Camões*, onde se lê esta sublime estrophe:

> Oh! quem me déra d'esse leito á beira
> Sondar teu grande espirito n'essa hora,
> Por saber, quando a magoa nos devora,
> Que dor póde conter um peito humano;
> Palpar teu seio, e n'esse curto espaço
> Sentir a immensidade do tormento,
> Combatendo-te n'alma, como o vento
> Nas ondas do Oceano!

E a poesia *Infancia e Morte*, de uma sensibilidade tão singela e tocante! Que ingenuidade tão sentida nas queixas da pobre innocente, julgando que póde despertar a mãe do somno da morte, e fazel-a erguer do leito sepulchral.

> A nossa janella não mais foi aberta,
> O fogo apagou-se na cinza do lar,
> As pombas são tristes, a casa deserta,
> E as flores da virgem se vão a murchar.

E mais adiante, lembrando-se das historias que sua mãe lhe contava

> A d'hontem foi triste, pois triste fallavas
> De vida e de morte, d'um mundo melhor;
> E o rosto cobrias, e muda choravas,
> Lançando teus braços de mim ao redor.

Quando o poeta attinge esta simplicidade tocou as raias do sublime, aonde nunca chegam aquelles que fazem immensos esforços para o conseguir.

E o *Noivado do sepulchro!* e a *Rosa branca!* e os *Anhelos! Agar! A ti!* Tudo isto são perolas mimosissimas, tudo flores eternas da coroa immarcessivel do poeta.

Termino este estudo, invocando ainda os reis da critica, para que colloquem Soares de Passos no logar que lhe pertence. Agora que a *Revista Contemporanea* vae tomar novo vigor, confiâmos que o seu intelligente proprietario não deixará ficar em aberto esta divida immensa.

No seguinte estudo occupar-nos-hemos de Lobato Pires.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

ACÇÃO DE REI MODELO DE SOBERANOS

El-rei D. João II foi um dos mais illustrados e benemeritos monarchas que se tem sentado no throno portuguez, e ao qual a posteridade imparcial conferiu o epitheto de *principe perfeito*. A anecdota que vamos referir prova de sobejo quanto este titulo foi merecido.

Achando-se um dia aquelle soberano em conselho sobre certo negocio importante do estado, um dos conselheiros, chamado Ruy de Sousa, impugnou a opinião del-rei. Era Ruy de Sousa um fidalgo muito acceito do monarcha, e muito respeitado na corte, tanto pelos seus feitos de armas em tempos del-rei D. Affonso V, e por outros distinctos serviços ao proprio D. João II, como tambem pela auctoridade dos annos e da sua pessoa, pois que era dotado de singular inteireza e honradez de caracter.

Tomando, pois, grande calor aquella disputa, Ruy de Sousa excedeu-se a ponto de proferir contra el-rei algumas expressões muito desabridas.

O soberano, apesar da muita consideração que por elle tinha, reprehendeu-o com severidade, e mandou que saisse immediatamente da sala do conselho, e do paço.

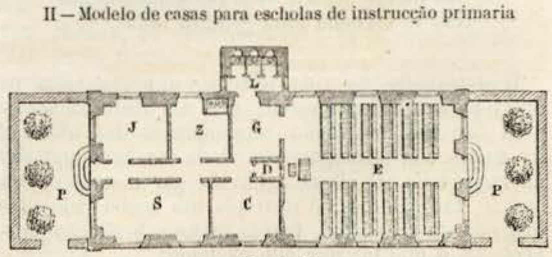
Divulgada logo a nova, todos os fidalgos da corte julgaram o privado caído para sempre da graça delrei. Mas qual não foi a sua admiração, quando souberam, que n'essa mesma tarde fôra D. João II visitar a Ruy de Sousa, e que, entrando em sua casa, lhe dirigira, mal o avistára, as seguintes palavras: «Ruy de Sousa, passarei esta tarde comvosco. O que hoje me dissestes offendia o respeito devido ao rei, por isso vos reprehendi asperamente. Se os vossos ditos offendessem em mim um homem qualquer, eu vol-os soffrêra, como se fôra D. João, vosso filho; comtudo, como se o fosse, vos peço me perdoeis».

Este procedimento, por meio do qual D. João II sabia conservar illesos o respeito devido á magestade, e a consideração egualmente devida aos benemeritos servidores do estado, dá a justa medida da grandeza de alma e da elevação de caracter do *principe perfeito*.

I. de Vilhena Barbosa.



II — Modelo de casas para escholas de instrucção primaria



Planta II

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio